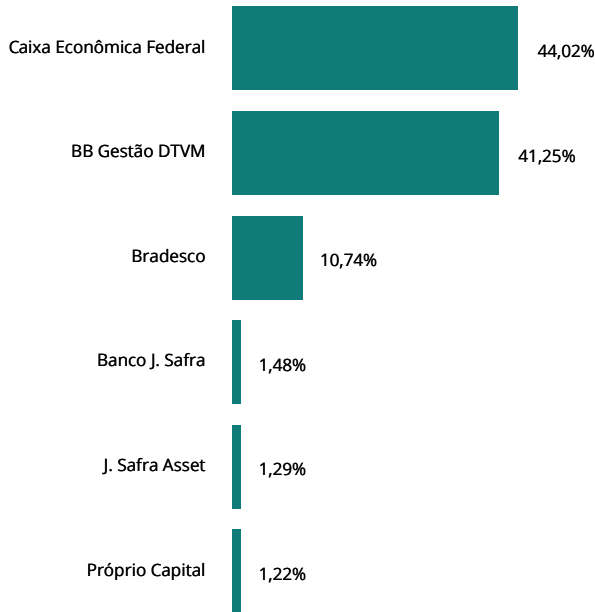


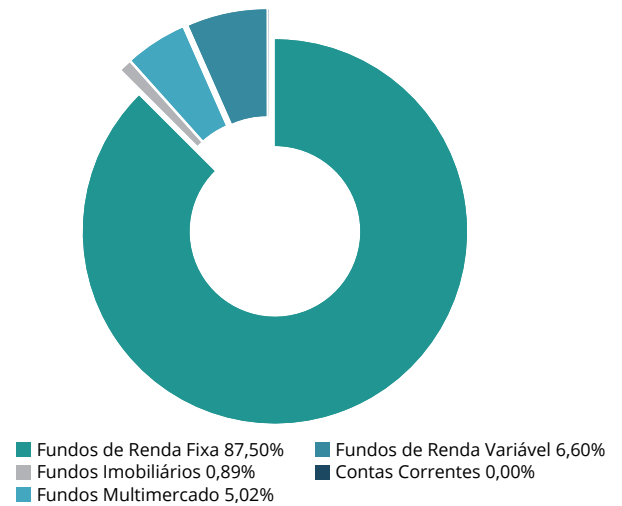
ANGEPREV

Os recursos do ANGEPREV são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do RPPS, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos.

DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR INSTITUIÇÃO FINANCEIRA



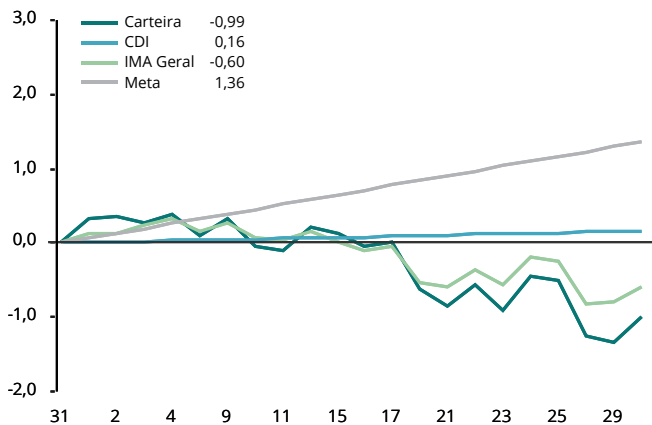
DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR SEGMENTO



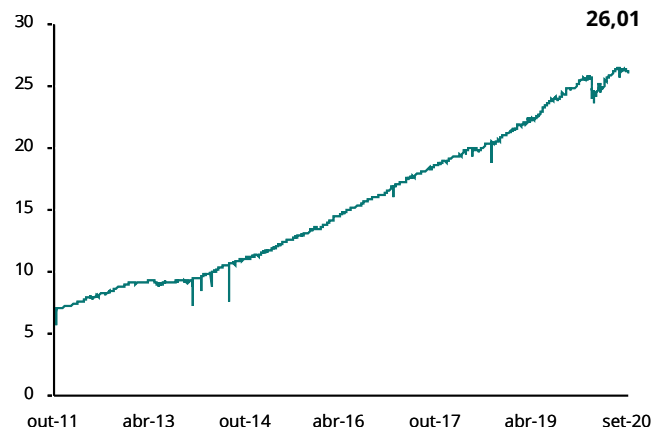
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
ANGEPREV	-0,99%	1,54%	4,64%
META ATUARIAL - INPC + 6% A.A.	1,36%	6,60%	10,10%
CDI	0,16%	2,29%	3,54%
IMA GERAL	-0,60%	2,41%	4,30%
IBOVESPA	-4,80%	-18,20%	-9,08%

RENTABILIDADE ACUMULADA NO MÊS (EM %)



EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO (EM R\$ MILHÕES)



ANGEPREV

Setembro foi mais um mês de estresse para os mercados, com preocupações em relação ao cenário fiscal brasileiro e à intensificação da segunda onda de covid-19 em diversos países. Nos Estados Unidos, a eleição presidencial começou a ganhar destaque, fator que contribuiu para uma maior volatilidade nos mercados. Além disso, setembro contou com uma super quarta, dia em que o Comitê de Política Monetária (Copom) do Brasil, e o Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC) dos Estados Unidos, anunciam as decisões sobre as taxas de juros de seus países.

No país norte-americano, a disputa presidencial tem sido bastante acirrada, com as pesquisas mostrando uma maior intenção de voto para o candidato democrata, Joe Biden. No entanto, a diferença não é grande em relação ao atual presidente Donald Trump, que tenta sua reeleição, o que fez com que ambos os lados se dedicassem extensivamente em suas campanhas durante o mês. No final de setembro, ocorreu o primeiro debate oficial, evento marcado por insultos e desordem de ambas as partes, refletindo o conturbado cenário político e eleitoral do país.

Em relação à atividade econômica local, a continuidade no processo de reabertura da economia contribuiu para uma melhora nas expectativas dos empresários, capturada pelo Índice de Gerentes de Compras (PMI) Composto, que subiu para 53,1 pontos. Ainda, a taxa de desemprego de agosto, divulgada em setembro, caiu para o menor nível desde o início da pandemia, 8,4%, o que demonstrou uma melhora no mercado de trabalho, e contribuiu com o aumento do otimismo quanto à economia dos Estados Unidos.

Por fim, na super quarta ocorrida em setembro, o FOMC decidiu por manter a taxa de juros dos Estados Unidos no nível próximo de zero, em decisão amplamente esperada pelo mercado. O que acabou influenciando o mercado de renda fixa foi o comunicado da reunião, no qual ficou sinalizado que a taxa de juros provavelmente continuaria nesse nível até 2023, de forma a ajudar a recuperação da economia local. No mercado de renda variável, houve um efeito negativo causado pela fala do presidente do Federal Reserve (banco central do país) após o encontro, em que ele revelou uma visão mais pessimista da autoridade monetária para a economia americana. Além disso, no início do mês as bolsas de lá foram impactadas por uma forte correção nos preços das ações de empresas de tecnologia, o que acabou afetando também a bolsa brasileira.

Na Europa, a consolidação da segunda onda de covid-19 em diversos países acabou sendo o fator preponderante durante o mês, afetando negativamente os mercados locais. Países como França, Espanha e Alemanha, assim como o Reino Unido, viram-se obrigados a aplicar novamente medidas de distanciamento social, na tentativa de conter o expressivo aumento no número de novos infectados. Junto da expectativa de novos lockdowns regionais, o pessimismo dos mercados também aumentou.

A taxa de desemprego da zona do euro em julho voltou a aumentar, passando para 7,9%, além de uma piora nas vendas do varejo, que caíram 1,3% frente ao mês anterior. Esses fatores, aliados a uma diminuição no otimismo dos empresários em setembro, com o PMI Composto caindo para 50,1 pontos, também contribuíram para o aumento do pessimismo dos mercados.

Outro destaque da Europa em setembro foi o mal estar ocorrido entre a União Europeia e o Reino Unido, depois que o governo britânico publicou um projeto de lei que contrariava diretrizes do acordo inicial do Brexit. A Comissão Europeia ameaçou entrar com medidas legais e inclusive afirmou que poderia suspender as negociações do acordo pós-Brexit, algo prejudicial principalmente para sua contraparte, que se veria obrigada a negociar sem qualquer uma das vantagens que antes regiam a relação. O impasse não foi resolvido durante o mês, fazendo com que a situação permanecesse no radar dos mercados.

Aqui no Brasil, setembro foi um mês cheio, com novas fontes de estresse surgindo a cada semana. No início do mês, o governo enviou ao Congresso a sua reforma administrativa, que era esperada desde o ano anterior. No entanto, o texto decepcionou o mercado, que esperava soluções para o cenário fiscal atual, em vez de medidas que só trariam economia aos cofres públicos depois de alguns anos. Além disso, o fato de o projeto exigir muitas regulamentações específicas em algumas de suas medidas, e de não reduzir o custo dos funcionários de maior peso individual para os cofres públicos, como juízes, desembargadores, procuradores e congressistas, também contribuiu para essa percepção ruim.

Na mesma semana, o governo anunciou a prorrogação do auxílio emergencial até o fim do ano, no valor reduzido de R\$ 300 por mês. Essa medida já era prevista pelos mercados, mas ajudou a aumentar o déficit fiscal esperado para este ano. O grande fator de estresse nesse início de mês foi o atrito entre o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, e o ministro da Economia, Paulo Guedes, que trouxe um receio de que a articulação política do governo para as discussões das reformas pudesse piorar.

ANGEPREV

Projetos de programas de renda mínima feitos pelo governo também permearam as discussões. A notícia de que a equipe econômica do governo estudava suspender por dois anos os reajustes de aposentadorias, pensões e auxílios, para conseguir financiar o Renda Brasil foi recebida de maneira negativa pelo Congresso e até por alguns setores do governo, o que levou o presidente Jair Bolsonaro a descartar publicamente essa possibilidade e ameaçar demitir quem propusesse essas medidas.

Apesar de o presidente declarar que o programa de renda mínima não estaria mais na sua pauta até 2022, no final do mês foi anunciado um novo projeto de mesmo cunho, batizado de Renda Cidadã. As medidas anunciadas para financiamento do novo programa foram a utilização de parte dos recursos do fundo para pagamento de precatórios e do fundo para educação básica (Fundeb). Ambas foram alvos de duras críticas. Enquanto a primeira aumentaria a insegurança jurídica, a segunda foi vista como uma tentativa de burlar o teto de gastos, tendo impacto profundo e negativo no cenário fiscal brasileiro. Por isso, o anúncio desse novo programa trouxe grande volatilidade aos mercados, que viram um aumento no risco fiscal do país.

Por fim, levantaram-se questionamentos sobre a capacidade do Tesouro Nacional de se financiar nesse contexto de juros baixos e risco elevado. Com isso, surgiu mais uma fonte de volatilidade, que afetou principalmente o mercado de renda fixa. Ao longo do mês alguns temores se reduziram, mas o assunto não saiu da atenção dos mercados e continuou a influenciar as expectativas sobre os juros futuros.

Em relação aos indicadores brasileiros divulgados durante o mês, que foram referentes a julho, os três principais setores da economia tiveram resultados positivos. A indústria cresceu 8% frente a junho, resultado acima da expectativa de mercado, que era de 5,85% de alta. As vendas do varejo também surpreenderam, com alta de 5,5% frente a julho de 2019 e 5,2% frente ao mês imediatamente anterior. Já o setor de serviços, que cresceu 2,6% na comparação com junho, continuou apresentando quedas na comparação anual, com diferença de 11,9% em relação a julho do ano anterior. Apesar de os resultados terem sido positivos, os mercados acabaram não sendo muito afetados, já que os estresses advindos do cenário político causaram uma influência maior.

Também foi divulgado em setembro o Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre, que apresentou uma queda profunda, maior do que a esperada pelo mercado. No período de abril a junho, o PIB brasileiro caiu 9,7% frente ao trimestre anterior e 11,4% frente ao mesmo trimestre de 2019, com redução tanto no consumo das famílias quanto nos investimentos e no consumo do governo. Olhando para os grandes setores produtivos, a agropecuária foi a única com desempenho positivo no período, graças à demanda pouco afetada por alimentos. Enquanto isso, a indústria e os serviços apresentaram quedas expressivas. Com essa divulgação, o mercado pôde compreender melhor o tamanho do impacto da pandemia na economia brasileira, o que ajudou a ajustar as expectativas.

O que mais chamou a atenção, e trouxe uma volatilidade grande para o mercado de renda fixa, foi a aceleração da inflação dos alimentos, observada principalmente nas semanas mais recentes. Ela decorreu da forte desvalorização do real e do aumento da demanda da China pelos produtos, e chegou a levar o presidente a pedir que varejistas reduzissem seus lucros com a venda de alimentos, de forma a conter essa alta nos preços. O receio que cresceu nos mercados foi de que os alimentos levariam a um aumento nos índices de inflação, provocando novas altas na taxa de juros pelo Banco Central. No entanto, após uma melhor avaliação dos agentes de mercado e comunicações da autoridade monetária, se viu que essa alta seria pontual e específica ao setor, fazendo com que o assunto deixasse de afetar o mercado de juros.

Por fim, a reunião do Copom ocorrida em setembro trouxe uma interrupção no ciclo de corte de juros, com o comitê optando por manter a taxa Selic em 2,00%, decisão já esperada pelo mercado. Apesar de ainda deixar a porta aberta para novos cortes, o seu comunicado deu um peso maior para o cenário fiscal em relação a futuras decisões, e sinalizou que novos cortes seriam mais difíceis de ocorrer. O Copom também continuou com sua estratégia de *forward guidance*, afirmando que a taxa de juros só aumentaria quando as projeções e expectativas de inflação se aproximassem da meta.

Com todos esses fatores de estresse, principalmente os relativos ao cenário fiscal do Brasil, o mês de setembro novamente foi negativo para as carteiras, com piora tanto no mercado de renda fixa quanto no de renda variável. O índice Bovespa, principal índice da bolsa brasileira, caiu 4,8% durante o período, enquanto os índices de renda fixa, em sua maioria, também fecharam o mês com quedas.